

O MITO DE MIDAS E O CAPITALISMO

THE MYTH OF MIDAS AND THE CAPITALISM

Camila Castanhato

Thiago Lopes Matsushita

Resumo

O presente ensaio analisa o capitalismo moderno do ponto de vista Mitológico. Através da sabedoria do “Mito de Midas” buscamos trazer novas luzes para a compreensão do fenômeno do capitalismo.

Introduzindo este estudo, uma rápida diferenciação entre Mitologia, religião, filosofia e ciência, se fez necessária.

No primeiro capítulo tratamos da visão de mundo antiga e a visão de mundo moderna. A partir do segundo capítulo entramos no universo mítico explicando, primeiro, *Diké* e *Hybris* para compreender mais a fundo a visão de mundo traduzida na sabedoria dos Mitos antigos e, em seguida, passamos a uma análise da personagem escolhida para a comparação com o capitalismo: o famigerado Rei Midas.

Por fim, restou-nos pontuar alguns aspectos desse capitalismo moderno que por força da globalização vem se impondo naturalmente a todo o planeta.

Palavras-chave: Mito de Midas, Capitalismo e Felicidade.

Abstract

This essay examines modern Capitalism in terms of Mythology. Through the wisdom of the Myth of Midas, we seek to bring new light on the understanding of the phenomenon of Capitalism.

Introducing this study, a distinction between Mythology, Religion, Philosophy and Science was necessary.

The first chapter dealt with the ancient and modern view of the world. From the second chapter, we went into the mythical universe explaining Dike and Hybris for a deep understanding of the view of the world reflected from the wisdom of ancient myths; then we passed to an analysis of the character chosen for comparison with Capitalism: the infamous King Midas.

Finally, we pointed out some aspects of modern Capitalism that, because of globalization, has been naturally growing around the planet.

Keywords: *Myth of Midas, Capitalism and Happiness.*

Introdução

“(...) quanto mais a pessoa dispõe de valores culturais, morais e espirituais fortes, menos vulnerável está à necessidade de comprar por comprar e de zapear por zapear. Por conseguinte, estará menos vulnerável à insatisfação crônica que inevitavelmente nasce da multiplicação infinita dos desejos artificiais. Em outras palavras, é preciso ajudá-los a privilegiar a lógica do Ser, em detrimento da do Ter, (...)”¹

Durante a antiguidade os valores morais eram transmitidos através dos Mitos. Os Mitos gregos são de um valor inestimável para a cultura ocidental, ao passo que carregam o seu gérmen, a origem de tudo. Para alguns, os Mitos são a pré-história da filosofia². Para outros a pré-história da ciência³.

Não se confunde, entretanto: filosofia com Mitologia; Mitologia com religião, ou ainda; Mitologia com ciência.

Cabe ressaltar que os Mitos aproximam-se mais da filosofia do que das religiões. A Mitologia não tem um único referencial como, por exemplo, a Bíblia dos cristãos e o Corão dos islâmicos. Pelo contrário, a Mitologia é baseada em escritos de mais ou menos 12 séculos (do VIII a. C ao V d. C) e em tradições orais, das quais quase nada se sabe. O fato é que os Mitos têm diferentes versões, dependendo da época em que foram escritos e por quem foram escritos ou contados. Daí vem a riqueza de seus ensinamentos: nunca estagueiros, sempre sendo novamente interpretados, a fim de auxiliar na compreensão do cosmos e na busca da felicidade por meio da vivência harmônica com ele.

Mas Mitologia não se confunde com filosofia. Enquanto a Mitologia baseia-se em narrativas concretas para trazer lições de sabedoria, a filosofia apresenta-se conceitual e reflexiva para este mesmo intento.

A Mitologia é ao mesmo tempo filosófica e poética, donde decorre em parte sua perenidade, em nossa opinião.

¹ Luc Ferry. “A sabedoria dos Mitos gregos”. p. 41.

² Luc Ferry. Ibid. p. 25.

³ Eduardo Giannetti. “Felicidade”. p. 102.

Por fim, cabe ressaltar que para nós a Mitologia é o oposto da ciência. Elas buscam coisas diferentes. A Mitologia considera o universo uma realidade a se viver, daí porque busca significados possíveis à existência humana; A ciência considera o universo um objeto a se conhecer e, contudo, busca a verdade.

Não obstante, os Mitos greco-romanos são parte de nossa cultura ocidental comum (arquétipos para Carl Gustav Jung) e além da importância histórica e estética que suas narrativas carregam, trazem em si lições de sabedoria.

Daí a escolha do Mito de Midas para uma análise comparativa com o capitalismo moderno.

Neste ensaio não apresentaremos soluções. A proposta é apenas apresentar uma analogia entre o capitalismo e o Mito de Midas. Mas adiantamos que, o grupo de pesquisa sobre o “Capitalismo Humanista”, criado e desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo desde 2002 e registrado no CNPq - MCT, conta com diversos pesquisadores de graduação, mestrado e doutorado, empenhados em trazer soluções para a criação de um novo capitalismo, que seja atrelado necessariamente a todas as dimensões dos direitos humanos, em sua integralidade e para todos. De nossa parte pretendemos fazê-lo em um próximo artigo com de nossos pensamentos sobre as possíveis soluções do capitalismo.

Então a que se presta esse estudo?

Buscamos com ele trazer à baila a arte da zetética⁴, aquela forma de conhecimento mais pautada nas perguntas do que nas respostas. Pretendemos estimular novas perguntas a partir dessa analogia, a fim de estimular o leitor a encontrar novas soluções para o problema do capitalismo.

Como afirma Tercio Sampaio Ferraz Junior:

⁴ “(...) Questões zetéticas têm uma função especulativa explícita e são infinitas. Questões dogmáticas têm uma função diretiva explícita e são finitas. Nas primeiras, o problema tematizado é configurado como um ser (que é algo?). Nas segundas, a situação nelas captada configura-se como um *dever-ser* (como deve-ser algo?). Por isso, o enfoque zetético visa saber o que é uma coisa. Já o enfoque dogmático preocupa-se em possibilitar uma decisão e orientar a ação”. Tercio Sampaio Ferraz Jr. “Introdução ao Estudo do Direito”, p. 41.

“(...) é preciso reconhecer que o fenômeno jurídico, com toda a sua complexidade, admite tanto o enfoque zetético, quanto o enfoque dogmático, em sua investigação.”⁵

Acrescentamos nós que, também o capitalismo, em toda a sua complexidade, admite uma investigação tanto dogmática quanto zetética.

Dentro, pois, de uma perspectiva zetética, comparamos o fenômeno do capitalismo com o antigo Mito de Midas, reconhecendo na figura do próprio rei Midas o capitalismo, que pretende transformar em ouro tudo que toca, mas que, com esse poder, pode gerar uma desarmonia completa do cosmos, levando à morte seus organismos.

Capítulo I – A visão de mundo dos antigos e dos modernos

Para compreender o Mito de Midas e compará-lo ao capitalismo é preciso compreender a visão de mundo dos antigos, para daí então extrair dele a sabedoria aplicável à analogia pretendida.

É sabido que a visão de mundo dos antigos em muito difere da visão de mundo moderna.

Decorre dos mitos o entendimento de que o cosmos é harmônico e perfeito e, sendo assim, a ética que dele decorre é a ética da busca do seu lugar adequado neste cosmos perfeito e harmônico. Felicidade significa viver em harmonia em seu justo lugar no cosmos⁶. A maior virtude para eles é a *Diké*, que significa a justa posição dentro do cosmos; ao passo que o maior pecado para eles é a *Hybris*, a arrogância daqueles que querem uma posição diferente da que lhes cabe no cosmos, querendo igualar-se aos deuses ou, ainda, querendo inverter a ordem justa, harmônica e perfeita estabelecida pelo cosmos. A mitologia traz exemplos tanto de deuses como de homens que incorreram no mal da *Hybris*.

Já a ciência demonstra que o cosmos é um caos, ao contrário do que defendiam os antigos, que o consideravam perfeito e harmônico. Dessa feita, o cosmos não mais se mostra

⁵ Ibid., p. 43

⁶ Essa visão é muito próxima da visão racional dos estóicos, bem como da religião budista.

adequado como modelo para as condutas morais. Uma nova ética teve de ser construída dentro dessa nova visão de mundo. Trata-se da ética do caos, decorrente não da divindade do cosmos ou de qualquer ser transcendental exterior ao homem, mas tão somente da razão do próprio homem. Inicia-se a era das luzes.

Diante deste novo desafio para o qual não basta a pura contemplação do cosmos para agir de forma correta – ao passo que o cosmos não mais se apresenta harmonioso –, e tendo em vista que a questão de agora em diante é construir leis para dar um sentido ao cosmos – base da ciência moderna – tem-se aí a nova ética estabelecida pelo universo moderno: a criação também de regras de condutas morais por via da razão humana. Estando, portanto, o mundo desencantado pela ciência e explicado via suas leis, também a ética de agora em diante seria um construído de leis decorrentes da lógica da razão humana. Esta é a base do humanismo moderno no plano moral, político e jurídico: a vontade do homem, contanto que eles aceitem se autolimitar, na consciência de que a sua liberdade deve parar no momento em que começa a liberdade alheia.

Kant afirma que o homem passa a ser “um fim em si mesmo”,

“não mais um meio, um ser que poderíamos ‘instrumentalizar’ se o grande Todo assim exigisse, mas o alfa e o ômega de todo valor e de toda dignidade morais. Em suma, não é mais um universo entregue pronto pela natureza, mas, ao contrário, é inteiramente forjado pelos seres humanos e para eles – e a esse respeito, logicamente, o advento da democracia também desempenha um papel no nascimento desse novo paradigma ético”.⁷

As grandes revoluções científicas, desde Isaac Newton, aliadas ao pensamento filosófico iluminista do Séc. XVIII, transformaram a visão organicista do cosmos e da sociedade numa visão individualista, pautada nos pressupostos do antropocentrismo, dos direitos naturais subjetivos, que levaram à ideia de democracia e à formação dos Estados modernos, pautados em Constituições escritas que estabelecem direitos e obrigações para governados e governantes.

Capítulo II - *Diké e Hybris*. O Mito de Midas.

⁷ Luc Ferry. “Kant: uma leitura das três ‘Críticas’”. p.14

Da narrativa primordial do nascimento dos deuses e dos homens no universo mitológico decorrem três ideias filosóficas fundamentais: vida boa é aquela em harmonia com o cosmos; o maior pecado que se pode cometer é a *Hybris*; a maior virtude é a *Diké*.

Hybris é arrogância, insolência, orgulho, descomedimento, etc. Caracteriza aquele que quer mais que o seu lugar no cosmos, aqueles que tentam se igualar ou equiparar aos deuses – lembrando que os deuses também cometem *Hybris*.

“(…) Se formos ao essencial, a *Hybris*, afinal, não passa de um retorno das forças obscuras do caos ou, falando como os ecologistas de hoje, de justamente uma espécie de ‘crime contra o cosmos’”.⁸

Diké (justiça), para os gregos, significa a harmonia com a ordem cósmica. No templo de Delfos, do deus Apolo, lê-se: “Conhece-te a ti mesmo”.

“(…) A expressão quer dizer que devemos conhecer nossos próprios limites. Saber quem somos é ter conhecimento de nosso ‘lugar natural’ na ordem cósmica”.⁹

Inscrito também está, no templo de Delfos, a expressão: “Nada em excesso”, que nada mais é que o alerta para que não se caia em *Hybris*.

Nesse ponto já podemos adentrar o Mito escolhido para este estudo.

Segundo conta Ovídio, no poema “Metamorfoses”, Midas é rei da região de Frígia. Dizem ser ele filho de uma deusa com um mortal. Trata-se de um completo idiota no sentido de que age tolamente, sem raciocinar.

Certa vez, Sileno, filho do deus Hermes (para alguns ele é filho de Pan), chegou à cidade completamente bêbado. Os homens de Midas prenderam então o vagabundo e o conduziram até o Rei.

⁸ Luc Ferry. “A sabedoria dos Mitos gregos”, p. 89.

⁹ Id. Ibid., p. 89.

Sileno é assustadoramente feio, mas inteligente e sensato. Zeus chegou a lhe confiar a educação do filho nascido de sua coxa, Dioniso. Sileno e Dioniso tornaram-se grandes amigos.

Midas reconhece Sileno trazido pelos guardas. Sabendo da relação que Sileno tem com Dioniso, Midas manda soltarem imediatamente o embriagado e mais, oferece à Sileno uma festança, que durou dez dias e dez noites. Após, Midas devolveu Sileno a seu velho amigo Dioniso, que agradecido oferece à Midas a recompensa que ele desejar.

Midas então faz um pedido exorbitante, desmedido: tornar ouro tudo que toca! É o famoso “Toque de Midas”. E assim é feito.

Num primeiro momento Midas ficou muito contente por ficar rico, transformando tudo ao seu redor em ouro. Mas, no momento que foi comer e beber deu-se conta da besteira que sua cobiça o havia levado a fazer. Foi então que Midas pediu a Dioniso que revertesse o dom concedido, pois era, na verdade, uma maldição.

Dioniso o aconselhou a banhar-se na nascente do rio próximo da cidade de Sardes, para que a água pura lavasse seu corpo e seu erro. Midas assim o fez e o dom foi revertido.

“(...) Midas confundiu o superficial com o essencial e acreditou que a riqueza, o ouro, o poder e as posses que isso traz constituem a meta maior da vida humana. Confundiu o ter e o ser, a aparência e a verdade. (...)”.¹⁰

Cabe ressaltar que o Mito de Midas não traz a mensagem de que dinheiro não traz felicidade. A sabedoria que se extrai desse Mito é muito mais profunda, liga-se à harmonia do cosmos. Midas, ao transformar tudo em ouro na verdade altera profundamente a natureza das coisas. Tudo que ele toca, morre! Transforma o orgânico em inorgânico.

“(...) De certa maneira, ele é o contrário de um criador de mundo, uma espécie de antideus, para não dizer de demônio. As folhas, os galhos de árvore, as flores, os pássaros e demais animais em que ele toca deixam de ocupar o lugar e a função no coração do universo com o qual, até um instante atrás, ainda viviam em perfeita harmonia. Basta que Midas encoste neles para que mudem de natureza e, potencialmente, tal poder devastador é infinito, sem fim; ninguém sabe até que

¹⁰ Id. Ibid., p. 94/95.

ponto isso pode chegar. No limite, talvez o cosmos inteiro possa ser assim alterado. (...)”¹¹

Midas representa a *hybris*, a possível vitória do caos sobre a harmonia do cosmos na visão da sabedoria antiga.

Segundo Luc Ferry¹², se quisermos comparar o Mito de Midas com o cristianismo, deve-se recorrer ao Mito do doutor Frankenstein que retrata esta mesma ideia. Trata-se de Mito inspirado nas antigas lendas originárias da Alemanha do século XVI.

Assim como Midas, doutor Frankenstein queria se igualar aos deuses. O sonho do doutor era igualar-se ao criador, sendo ele mesmo criador das criaturas. Tornou-se um gênio da medicina ao conseguir dar vida a um monstro a partir de corpos mortos em decomposição. Mas o monstro foge de seu criador e espalha o terror sobre a terra.

“(…) Privação trágica: a criatura escapa de seu criador, que fica, por assim dizer, frustrado. Ele perde o controle – o que, é claro, na perspectiva cristã que domina esse Mito, significa que o homem que se toma por Deus segue direto para a catástrofe”¹³.

“(…) Midas, como Frankenstein, quis atribuir a si mesmo, como o toque de ouro, um poder divino, uma capacidade que ultrapassa de longe qualquer sabedoria humana (...)”¹⁴.

Capítulo III - O Capitalismo

O capitalismo é Midas, quer transformar tudo em ouro. Mas à custa do quê? Da fome de muitos! Do risco do perecimento do próprio capitalismo. A meta maior da vida humana não é o lucro. Lucro não é sinônimo de felicidade. O capitalismo confundiu o superficial com o essencial, o ter e o ser.

O capitalismo, assim como a democracia, é fruto das revoluções burguesas do século XVIII. Sem o surgimento dos chamados direitos individuais, sobretudo os relacionados à liberdade, não haveria campo propício para o nascimento do sistema capitalista. Foi com a

¹¹ Id. Ibid., p. 95.

¹² Id. Ibid., p. 96.

¹³ Id. Ibid., p. 96.

¹⁴ Id. Ibid., p. 96.

garantia da propriedade privada, da validade dos contratos, da livre iniciativa e da livre concorrência que foi possível a construção de um sistema capitalista.

Os iluministas colocaram o homem no centro de tudo (antropocentrismo), invertendo, contudo, a ordem antiga. Agora não mais a sociedade (o todo) é mais importante do que o homem (as partes) como ensinava Aristóteles, na “Política”. No Estado Moderno é o indivíduo o mais importante, é ele o sujeito não só de obrigações, mas, sobretudo, de direitos.

Num primeiro momento vigorou um capitalismo liberal, pautado nas ideias de Adam Smith e David Ricardo. Trata-se da fase do “Laissez Faire”, do entendimento de que o mercado é capaz de se organizar naturalmente, somente com base na lei fundamental da oferta e da procura. Suas externalidades cessam dentro de sua própria sistemática natural, sem qualquer intervenção estatal em seu funcionamento.

Com a revolução industrial, a primeira guerra mundial, as ideias socialistas como as de Karl Marx e, sobretudo, com a quebra da bolsa de Nova York em 1929, houve uma mudança radical no sistema capitalista do século XX. Entra em cena o Estado do Bem-Estar Social, implantado por políticas públicas como o “Welfare State”, ideologicamente vinculadas às ideias de John Maynard Keynes.

Alguns acreditavam que a intervenção do Estado no mercado econômico seria o fim do capitalismo. Mas isso não ocorreu. A história mostra que o sistema capitalista comporta as duas posições extremadas – a intervenção ou não do Estado na economia –, sem, contudo, se descaracterizar enquanto sistema econômico.

É certo que a partir de 1980 o Estado intervencionista passou a ser rechaçado, uma vez ser ele incapaz de se sustentar por um longo período. Impulsionados pelas ideias da chamada Escola de Chicago, o grupo dos sete países mais ricos da época resolveram, a partir do Conselho de Washington, impor o neoliberalismo numa pauta global. O discurso é que a abertura total dos mercados geraria mais riqueza para os países mais ricos e, por consequência, para os países mais pobres também.¹⁵

¹⁵ “Como efeito, o capitalismo, obra humana, em sua versão mais selvagem, o liberal, foi elevado pelos países mais ricos ao status de política econômica para o mundo no consenso de Washington de 1989. A esse tempo, já estava constituído, desde 1975, o G7 (Grupo dos sete países mais industrializados e desenvolvidos

Isso não tem se verificado. Pelo contrário. Pesquisas recentes apontam que a globalização tem deixado os ricos mais ricos e os pobres mais pobres, aumentando cada vez mais o fosso que separa os incluídos dos excluídos.

Parece que a história se repete. O projeto iluminista do século XVIII acreditava na equação: progresso = felicidade. Algo não deu certo. O progresso não veio acompanhado de mais felicidade.

Conforme aponta Ricardo Hasson Sayeg:

“Basta ver os números da miséria no Brasil no estudo da Fundação Getúlio Vargas de 2008, “Miséria e a Nova Classe Média na Década da Desigualdade” sob a coordenação dos pesquisadores Néri e Carvalhães, a qual, conquanto demonstre o aumento da classe média, ainda é avassaladora ao revelar que a população brasileira de 2007, estimada em cento e oitenta e três, novecentos e oitenta e sete mil pessoas, na proporção de dezoito inteiros e onze centésimos por cento, isso significa que trinta e três milhões e meio de pessoas está abaixo da linha de miséria estabelecida no patamar de cento e trinta e cinco reais por mês; das quais, na proporção de quatro inteiros e noventa e quatro por cento, nove milhões pessoas, está abaixo da linha de pobreza extrema estabelecida em um dólar por dia.”¹⁶

Para parte dos autores da segunda metade do século XIX, o iluminismo falhou na busca da felicidade porque o projeto transformador ainda não se completou. Trata-se da tese da incompletude que se encontra, entre outros, em Hegel, Marx, na Escola de Frankfurt, bem como em Bentham, John Stuart Mill e em toda tradição de reformismo dos utilitaristas.¹⁷

economicamente), formado por Estados Unidos da América, Reino Unido, Alemanha, França, Itália, Japão e Canadá, atualmente G8, com a inclusão da Rússia.

Dá-se o início da globalização econômica e o G7, com a força do capital, principalmente por meio de investimentos e negócios multilaterais, passa a impor ao Planeta a pauta neoliberal do consenso de Washington, em especial, aos países financiados pelo Fundo Monetário Internacional, praticamente todos os emergentes e em desenvolvimento.

O mundo se abre para a economia de mercado e retomasse a aplicação concreta das teorias liberais econômicas de Adam Smith e David Ricardo, sob a idéia de que, dentro da comunidade, cada um agindo em favor de seus interesses individuais, sem consideração com o outro, tem maior eficiência e, ao final das contas, acaba agindo naturalmente em prol do interesse coletivo. Para esse pensamento, o atrito entre todos tem como resultado a acomodação econômica, em que a eficiência prevalecerá. É a transposição para a economia da seleção natural de Darwin, em que sobrevive o mais apto e a evolução pressupõe o descarte do ineficiente, assim, determinando sua manifesta tendência de exclusão social e intolerância à pobreza.

Daí se sustentar a função social do individualismo e hedonismo, embora não haja como deixar de reconhecer que a aplicação efetiva desse pensamento tem a potencialidade de produzir melhores resultados econômicos em seu aspecto puramente matemático-monetarista.” SAYEG, Ricardo Hasson. “Doutrina Humanista de Direito Econômico: A construção de um marco teórico”, p. 3/4.

¹⁶ Id. Ibid, p. 138.

¹⁷ GIANNETTI, Eduardo. “Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização”. p. 54.

Outra vertente entende que o projeto iluminista falhou porque era contraditório em suas próprias premissas. Para eles a civilização entristece o animal humano. Esta posição encontra-se, por exemplo, em Diderot, Rousseau, Nietzsche, Weber e Freud.¹⁸

O projeto iluminista visava uma revolução tecnológica, uma revolução política, bem como uma revolução social. Dessas pretensões o maior progresso foi, sem dúvida, o tecnológico científico.

Pouco importa para este estudo onde o projeto iluminista falhou ou não se completou. O que interessa é reconhecer que, dentro de uma visão de mundo mítica, o sistema capitalista é como o caos, traz movimento ao cosmos, propicia vida ao planeta ao passo que gera aumento na produção de riquezas. Mas, por outro lado, ele deixa grande parte dos seres humanos excluídos do sistema, levando-os ao óbito. Daí sua semelhança com o “Toque de Midas”.¹⁹ O que parece claro é a necessidade de se combater e canalizar esse caos (capitalismo) para encontrar seu devido lugar em equilíbrio no cosmos, já que o seu sistema econômico antitético, o socialismo, não apresentou respostas satisfatórias às necessidades humanas.

Conclusão

Todos buscam felicidade.

Felicidade, na visão dos antigos, é estar em harmonia com o Todo (Cosmos). Já para os iluministas, felicidade decorre de mais progresso. O sistema capitalista proporciona uma

¹⁸ “(...) o processo civilizatório e o avanço da racionalidade têm custos substantivos do ponto de vista das aspirações ancestrais do animal humano e o preço é pago na moeda do bem-estar subjetivo. A civilização entristece o animal humano. Ela acarreta uma corrosão progressiva da alegria espontânea de viver e do que se chamou certa feita de ‘o doce sentimento da existência’. O processo civilizatório traz benefícios, mas implica custos. Há uma troca incontornável. A equação iluminista não fecha: ela não apresenta solução computável no eixo do tempo. É a *tese da permuta civilizatória*”. Id. Ibid. p. 54/55.

¹⁹ O historiador Eric Hobsbawm, professor da Universidade de Londres, conta, pormenorizadamente, sobre o fim do socialismo, narrando que “na década de 1970 era claro que não só o crescimento econômico estava ficando para trás, mas também os indicadores sociais básicos, como o da mortalidade, estavam deixando de melhorar. Isso minou a confiança no socialismo, talvez mais do que qualquer outra coisa, pois sua capacidade de melhorar a vida da gente comum, através de maior justiça social não dependia basicamente de sua capacidade de gerar maior riqueza.” O acidente radioativo, em 1986, na usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, o de pior dimensão na história da Humanidade, é a comprovação histórica da obsolescência do socialismo e o sucateamento que provoca nos meios produtivos e tecnológicos, com efeitos negativos concretos para todos e tudo. Id. Ibid. p. 94.

maior geração de riquezas, que serve de mola propulsora para o desenvolvimento técnico-científico que leva ao progresso.

Entretanto, estudos recentes têm demonstrado que riqueza não gera necessariamente aumento da felicidade. E mais, o sistema capitalista não tem se mostrado eficaz na função de gerar maior desenvolvimento do ser humano em sua integralidade. E o desenvolvimento aqui tratado, não é apenas o desenvolvimento econômico, mas sim o desenvolvimento político, econômico, social e cultural, sendo que as liberdades individuais e o desenvolvimento político não se efetivam em uma população que não têm um desenvolvimento econômico, social e cultural.

Em recente artigo que trata da questão da felicidade, a jornalista Elizabeth Kolbert, (Revista New Yorker, de 22 de março de 2010), comentou diversos livros e estudos sobre a relação entre a economia e a felicidade, um deles é de autoria do ex-presidente de Harvard, Derk Bok (*The politics of Happiness: What Government Can Learn from the New Research on Well-Being*) e traz as seguintes informações:

“(…)Over the past three and a half decades, real per-capita income in the United States has risen from just over seventeen thousand dollars to almost twenty-seven thousand dollars. During that same period, the average new home in the U.S. grew in size by almost fifty per cent; the number of cars in the country increased by more than a hundred and twenty million; the proportion of families owning personal computers rose from zero to seventy per cent; and so on. Yet, since the early seventies, the percentage of Americans who describe themselves as either “very happy” or “pretty happy” has remained virtually unchanged (...).²⁰

Como se não bastasse a análise da população americana que apesar de ter um crescimento no seu poder aquisitivo e não ter qualquer aumento no seu nível de felicidade, o mesmo artigo analisa o livro *Happiness Around the World: The Paradoxo of Happy Peasants and Miserable Millionaires*, de autoria de Carol Graham, da Universidade de Maryland:

“Take the case of Nigeria. The country’s per-capita G.D.P. last year was about fourteen hundred dollars. (In real terms, this is significantly lower than it was when the nation declared its independence, in 1960.) Yet the proportion of Nigerians who rate themselves happy is as high as the proportion of Japanese, whose per-capita G.D.P. is almost twenty-five times as great. The percentage of Bangladeshis who report themselves satisfied is twice as high as the percentage of Russians, though Russians are more than four times as rich, and the proportion of happy Panamanians

²⁰ http://www.newyorker.com/arts/critics/books/2010/03/22/100322crbo_books_kolbert, acessado em 04.04.2010.

is twice as high as that of happy Argentines, though the Argentines have double the income. Research that Graham has done in Afghanistan shows that, despite three decades of war and widespread destitution, Afghans are, on average, a pretty cheerful lot. (The most cheerful areas of the country tend to be those in which the Taliban's influence is stronger.) Graham's research in Latin America shows that the *very poor* are often remarkably upbeat. "Higher per capita income levels do not translate directly into higher average happiness levels," she writes."

Frank Knight, um dos adeptos do pensamento da conhecida escola de Chicago, tendo uma formação filosófica na graduação afirma:

"A visão científica da vida é uma visão limitada e parcial; a vida é no fundo uma prospecção no terreno dos valores, uma tentativa de descobrir valores, em vez de, com base no conhecimento deles, produzir e desfrutá-los ao máximo. Nós nos esforçamos para *nos conhecermos a nós mesmos*, para descobrir os nossos reais desejos, mais do que para obter o que queremos. (...)".

Assim, não há que se falar somente no simples acúmulo de riquezas à população de qualquer território da terra, pois ele, por si só, não traz ao ser humano a sensação de saciedade das suas necessidades, devendo o mesmo ser acrescido de outros valores e sentimentos intangíveis.

As externalidades provocadas pelo capitalismo liberal absoluto provoca um desequilíbrio imenso ao planeta, seja ele no âmbito da economia (recente crise econômica mundial) ou no ecossistema com o estímulo acentuado no consumo de produtos, dentre eles, os não renováveis.

Para a solução da problemática do capitalismo, figurado aqui como o "Toque de Midas", o mesmo deve ser realinhado, para que o feitiço seja desfeito, assim como Midas o fez se banhando na nascente do Rio da mitológica cidade de Sardes.

O inverso imediato dos efeitos de seu "Toque" é solução do problema causado pelas externalidades do capitalismo, cujo objeto será análise de um futuro estudo.

Bibliografia

ARISTÓTELES. “Política”. Tradução de Pedro Constantin Tolens. São Paulo: Martin Claret, 2007;

BRUNEL, Pierre (org.). “Dicionário de Mitos Literários”. 4ª. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005;

COMPARATO, Fábio Konder. “A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos”. 5ª. ed. rev. e atual. – São Paulo: Saraiva, 2007;

_____. “Ética: direito, moral e religião no mundo moderno”. São Paulo: Companhia das Letras, 2006;

FERRAZ Jr., Tercio Sampaio. “Introdução ao Estado do Direito. Técnica, decisão, dominação”. 5ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007;

FERRY, Luc. “A sabedoria dos Mitos gregos: aprender a viver II”. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009;

_____. “Kant: uma leitura das três ‘Críticas’”. Tradução Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009;

GIANNETTI, Eduardo. “Felicidade: Diálogos sobre o bem-estar na civilização”. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;

HESÍODO. “Teogonia: a origem dos deuses”. Estudo e tradução Jaa Torrano. 7ª. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007/2009;

_____. “Os Trabalhos e os Dias”. (primeira parte). Introdução, tradução e comentários Mary de Camargo Neves Lafer. 6ª. reimpressão - São Paulo: Iluminuras, 2006/2008;

HOMERO. “Odisseia”. Tradução direta do grego, introdução e notas por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2006;

NUNES, António José Avelãs. “LIBER AMICORUM. Homenagem ao Prof. Doutor António José Avelãs Nunes”. Comissão Organizadora: Aldacy Coutinho, Eros Grau, Fernando Scaff, etc. Coimbra: Coimbra Editora, 2009;

OVÍDIO. “Metamorfoses”. Tradução e notas de Bocage. São Paulo: Hedra, 2006;

PLATÃO. “Protágoras”. Tradução, introdução e notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1999;

SAYEG, Ricardo Hasson. “Doutrina Humanista de Direito Econômico: A construção de um marco teórico”. Tese de livre docência defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no ano de 2009;

SCHWAB, Gustav. “As Mais Belas Histórias da Antiguidade Clássica. Os Mitos da Grécia e de Roma”. Tradução Luís Krausz, 6ª. edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001;

VERNANT, Jean-Pierre. “O Universo, os Deuses, os Homens”. Tradução Rosa Freire d’Aguiar, 6ª. reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.